

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

Anotação às *Geórgicas*, 11, 136

Ao EX.MO Sr. Dr. Eudoro de Sousa,

COM MUITO APREÇO E RECONHECIMENTO.

Folheando o recente e belo florilégio virgiliano do meu ilustre amigo Prof. W. F. Jackson Knight, *Vergil. Selections from the Eclogues, Georgies and Aeneid*, Londres, George Allen and Unwin Ltd., 1949, pertencente à interessante coleção «The Roman World Series», encontrei, a pp. 32, na reprodução do trecho das *Geórgicas* onde figura o célebre elogio da Itália, uma pontuação de 11, 136 que, não sendo nova, me parece, contudo, não haver razão para ser mantida:

Sed neque Medorum siluae, ditissima terra,

em vez de

Sed neque Medorum, siluae ditissima, terra,

como tantos outros pontuam. Se tenho razão em assim pensar, di-lo-ão as reflexões que adiante formulo.

A pontuação que faz de *ditissima terra* uma aposição de *Medorum siluae* tem tido especial preferência da parte de latinistas britânicos. Não só a encontro, por exemplo, no *Corpus poetarum Latinorum* de J. P. Postgate, t. 1, Londres, G. Bell, 1905, e em diversas edições, gerais ou parciais, das obras de Virgílio — designadamente, a de T. L. Papillon-A. E. Haigh, pertencente a «Clarendon Press Series», Oxonia, 1892, e a de F. A. Hirtzel, integrada na «Scriptorum Classicorum

Bibliotheca Oxoniensis», Oxónia, Clarendon Press, 1950 (1) —, como vejo que é a seguida por tradutores vários de reconhecida categoria: por T. S. Royds, *The Eclogues and Georgics of Virgil*, «Everyman's Library», Londres, Ernest Rhys, 1924:

But neither Medias pageantry of woods, (2);

por H. Rushton Fairclough, *Virgil*, vol. 1, «The Loeb Classical Library», Londres, William Heinemann Ltd., 1950 (3): *But neither Media s groves, land of wondrous wealth...*; e até pelo famoso John Dryden, que já assim reproduziu o citado verso:

But neither Median woods, (a plenteous land,) (4).

No entanto, não são editores e tradutores da Grã-Bretanha os únicos a adoptá-la. Entre tantos que a aceitam, e de longa data, está o velho editor e comentador francês Charles de la Rue (Carolus Ruæus à latina), cujo Virgílio *in usum serenissimi Delphini*, de tão larga difusão por toda a Europa (5), nos dá a leitura

Sed nec Medorum sylvæ, ditissima terra,

(1) Última de várias reimpressões, ao todo onze, da ed. de 1900. (Conquanto o latinista F. A. Hirtzel fosse de origem alemã, segundo me comunica, por informação do Prof. E. R. Dodds, a minha antiga aluna Sr^a D. Maria Helena Rocha Pereira, não deixo de incluí-lo entre nomes britânicos, porque a sua ed. de Virgílio, além de pertencente a uma colecção inglesa, foi preparada e concluída em Inglaterra, o que se documenta no prefácio, datado de Londres. Além disso, Hirtzel tornou-se espiritualmente britânico pelos vários títulos universitários que adquiriu em Oxónia, entre eles, como vejo na portada da referida ed., o de «Collegii Aenei Nasi Socius» = «Fellow of Brasenose College».)

(*) Devo esta citação ao Sr. Prof. Ruy Mayer, do Instituto Superior de Agronomia, a quem me confesso muito reconhecido.

(3) É a 5.^a reimpressão da 2.^a ed. (1935).

(4) Sirvo-me da última ed. de *Virgil's Georgics*, Londres, Euphion Books, 1949. «The Works of Virgil, his most important, translation, was published in 1697.. .», diz-se nesta ed., p. 6.

(5) A ed. príncipe é de 1682, se não erra José Vicente Gomes de Moura, *Notícia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina*, Coimbra,

directamente confirmada na «Interpretatio» : «Attamen nec sylvæ Medorum, regio opulentissima...»

E da mesma forma procedem tradutores de diferentes nacionalidades: o italiano Antonio Ambrogio, P. Virgilio Maronis *Bucolica Georgica et Æneis. . . itálico versu reddita*, t. 1, Roma, V. Monaldini, 1763:

*Ma non de' Medi V ampie selve, terra
Beata, e ricca, . . . ;*

o francês Jacques Delille, *Les Géorgiques de Virgile*, in *Œuvres complètes de J. Delille*, Paris, Firmin Didot, 1869 (1):

Mais l'Inde et ses forêts, et leur riche trésor, (2);

o francês L.-C. Colomb, Virgile — *Bucoliques, Géorgiques, Enéide*, Paris, Hachette, 1884: *Mais ni les riches forêts de la Médie, . . . ;* e, afora outros, estes três de língua portuguesa: Leonel da Costa, cuja tradução do verso referido, em *As Eclogas e Georgicas de Vergilio*, Lisboa, M. M. da Costa, 1761,

*Mas com tudo
Nem os bosques dos Medos, e pumares [sic],
Terra em extremo rica,*

pressupõe realmente um texto em que *Medorum* se liga a *silvae*, e não a *terra* ; Manuel Odorico Mendes, que em *Virgilio Brasileiro*, Paris, W. Remquet, 1858, faz corresponder a leitura igual o verso

Mas nem pomares da opulenta Media, . . . ;

Real Imprensa da Universidade, 1823, p. 278. Utilizo uma das reedições luso-brasileiras de J.-I. Roquette: P. Virgilio Maronis *Opera*, t. 1, Paris, Aillaud, 1860.

(1) 5.^a ed. deste volume. A 1.^a das *Géorgiques* é de 176g.

(2) Embora versão livre, tão livre que troca a Média pela Índia, este alexandrino denunciaria imediatamente a respectiva base textual, mesmo que o latim virgiliano não acompanhasse o francês de Delille: só poderia corresponder, como corresponde, à pontuação que estou referindo.

o Prof. Ruy Mayer, que nas suas *Geórgicas*, Lisboa, Sá da Gosta, 1948(1), segue o texto oxoniense de Hirtzel e por isso dá a *Medorum siluae, ditissima terra*, como equivalência vernácula, *as florestas da Média, terra opulenta*.

Quanto à pontuação que faz de *Medorum* um genitivo ligado a *terra* e de *siluae ditissima* uma expressão atributiva deste último vocábulo, na qual *siluae*, evidentemente, é genitivo dependente de *ditissima*, tem ela, também, adopção muito variada, que vai de simples edições escolares a outras de maior aparato erudito e ainda a outras de feição propriamente crítica, estas últimas, já se vê, de mais precisa e especial autoridade. Algumas para exemplo: C. G. Heyne-N. E. Lemaire, *P. Vergilius Maro*, vol. i, «Bibliotheca Classica Latina», Paris, P. Didot, 1819 (2); C. H. Weise, *Publii Virgilii Maronis Opera*, Lipsia, O. Holtze, 1867; A. Sidgwick, *P. Vergili Maronis Georgicon libri I. II.*, Cambrígia, University Press, 1902; Otto Ribbeck, *P. Vergili Maronis Opera*, «Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana», Lípsia, Teubner, 1904(3); F. Plessis - P. Lejay, *Œuvres de Virgile*, Paris, Hachette, 1 g 13 (4); Th. Ladewig-C. Schaper-P. Deuticke-P. Jahn, *Vergils Gedichte*, t. 1 — *Bukolika und Georgika*, Berlim, Weidmann, 1915 (5); R. Sabbadini, *P. Vergili Maronis Opera*, t. 1, «Scriptores Graeci et Latini publico sumptu editi», Roma, 1g30; Ettore Stampini, *Virgilio — Le Georgiche*, «Collezione di Classici Greci e Latini», Turim,

(1) *As Geórgicas de Vergílio. Versão em Prosa dos Três Primeiros Livros e Comentários de Um Agrónomo.*

(2) O comentário diz explicitamente: «Patet silvae ditissima, jungendum esse: Medorum terra, ditissima silvae h. e. silvarum, pro, malorum, quas ante [v. 127] dixerat.»

(3) Há edições anteriores e posteriores (a última, de 1930, com revisão de W. Janell), mas sem diferença de leitura nas *Geórgicas*, n, 136.

(4) Sirvo-me de uma das últimas reimpressões (s. d.).

(5) É a 9.ª ed., revista por P. Jahn. A anterior, a cargo de Ladewig, Schaper e Deuticke, é de 1907.

Chiantore, 1935 (1); René Pichón, Virgile — *Œuvres complètes*, Paris, Hatier, 1936 (2).

E é claro que aos editores propriamente ditos se juntam, neste caso particular, os tradutores, que por vezes editores são também. Estes, além de outros : o nosso Castilho, que *ri As Georgicas de Virgilio*, Paris, Ad. Lainé-J. Havard, 1867 (3), escreve, um tanto livremente,

*Mas nem Media, sem termo
nas selvas e no haver,*

seguindo, porém, um texto em que *Medorum* se liga a *terra*; Henri Goelzer, cujo texto das *Geórgicas*, Virgile — *Les Géorgiques*, «Collection des Universités de France», Paris, Les Belles Lettres, 1933 (4), dá a leitura

Sed ñeque Medorum silvae ditissima terra, (5)

(1) Uma nota esclarece a pontuação *Medorum, silvae ditissima, terra*: «Si noti che *silvae* è genitivo dip. da *ditissima*. Nelle antiche ediz ed in alcune recenti si legge : *Medorum silvae, ditissima terra, considerando silvae nom. plur. e ditissima terra come apposizione a silvae.*»

(2) Nesta ed., como nas supracitadas de Sidgwick, Ribbeck e Sabbadini, não há propriamente virgulação interior no verso que estamos estudando. É intuitivo, porém, que a escrita continuada

Sed ñeque Medorum silvae ditissima terra

só pode equivaler à pontuação

Sed ñeque Medorum, silvae ditissima, terra,

e nunca a

Sed neque Medorum silvae, ditissima terra, .

(3) Há duas reedições brasileiras, ambas organizadas e comentadas por Otoniel !Mota: uma, de São Paulo, Heros Graphica Editora, 1930; outra, também de S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.

(4) 1.* ed. A 5.* e última, que possuo, é de 1947.

(5) Sem virgulação interior, como nos textos de Sidgwick, Ribbeck, Sabbadini e Pichón. V. a nota 2.

e cuja versão, portanto, se subordina à ligação *Medorum... terra: Mais ni la terre des Mèdes, si riche en forêts,* Raymond Billiard, que em *Les Géorgiques de Virgile*, «Editions d'Histoire et d'Art», Paris, Pion, 1933, traduz quase como Goelzer, so com as palavras *le pays* em lugar de *la terre* (1); Maurice Rat, que no seu *Virgile — Les Bucoliques et les Géorgiques*, ((Classiques Garnier», Paris, [1935], dá versão inteiramente igual à de Goelzer (2); C. Davidson, que em *The Works of Virgil translated into English prose*, Londres, T. Werner Laurie, s. d., literalmente diz: *But neither the land of Media, most rich in woods, . . .* ; R. A. Schroeder, que em *Georgika*, Munique, Bremer Presse, 1924, dá a versão

Und doch: Media, Land mit blühenden Wäldern gesegnet, (3)

resumindo *Medorum... terra* em *Media*, mas reproduzindo bem explicitamente, e ainda à custa de *terra (Land)*, o conceito expresso por *silvae ditissima*; enfim, Johannes Goette,

(1) Informação, que muito agradeço, do Sr. Prof. Pedro de Varennes e Mendonça, catedrático do Instituto Superior de Agronomia.

(2) É curioso que numa ed. mais antiga da mesma colecção, a cargo de Félix Lemaistre, e na qual se segue a tradução da velha «Collection Panckouke», se escreve *Mais ni les riches forêts des Mèdes*, com base em leitura diversa, isto é, na ligação *Medorum silvae* e na aposição *ditissima terra*.

(3) Informação inicialmente recebida do Sr. Dr. Reinhold Merkelbach, da Universidade de Colónia, quando ainda me não fora possível adquirir a versão de Schroeder, que já possuo agora. Ao Sr. Dr. Merkelbach agradeço não somente esse informe, mas também o ter-me chamado a atenção para duas outras versões alemãs, que eu não conhecia, do elogio da Itália: uma, em prosa, de Friedrich Klingner, que se encontra em *Antike*, xvii, 1941 (= Klingner, *Römische Geisteswelt*, Lípsia, 1943), e na qual o verso 11, 136 está reproduzido por *Doch nicht der Meder Land, am Walde überreich*; outra, poética, de Wilamowitz-Moellendorff, que se lê em *Reden und Vorträge*, t. 1, Berlim, 1925 (4/ ed.), e na qual ao mesmo verso corresponde

Doch nicht des Meders Urwald, . . . :

tradução, diga-se, certamente baseada na leitura *Medorum silvae, ditissima terra*, mas, assim mesmo, demasiado concisa. *

que no seu *Vergil Landleben (Bucolica, Georgica, Kat alepton)*, Munique, Tusculum-Bibliothek, 1949, traduz 11, 136 por

Aber weder das Land, das walddurchrauschte der Meder,

partindo directamente da mesma base textual (1).

Ora esta segunda pontuação a que me refiro — com interposição de *siluae ditissima* no conjunto formado por *terra* e *Medorum* — é precisamente a que me parece dever ser adoptada. Compendio em quatro argumentos as razões que julgo poderem autorizá-la de forma definitiva.

1.º argumento. Admitindo que *ditissima terra* seja uma aposição de *Medorum siluae*,

Sed ñeque Medorum siluae, ditissima terra,

não há conexão lógica perfeita entre *terra* e *siluae*. Salta facilmente à vista que *bosques* e *terra* não são conceitos de tal modo congruentes que o segundo possa fazer, sem algum constrangimento, de aposto do primeiro. Pelo contrário, nada há que embarace ou constranja a ligação de *siluae ditissima* a *Medorum... terra*,

2.º argumento. O verso em discussão e os três imediatos apresentam, como é sabido, uma sucessão de regiões a cujas riquezas o Poeta contrapõe as da Itália:

*Sed ñeque Medorum, siluae ditissima, terra,
nec pulcher Ganges atque auro turbidus Hermus
laudibus Italiae certent, non Bactra neque Indi
totaque turiferis Panchaia pinguis harenis.*

Tais regiões, como se vê, ou são mais ou menos explicitamente nomeadas, ou são apenas sugeridas, como no caso das

(1) Goette dispensa virgulas a seguir de *Medorum* e de *ditissima*, o que, já se disse, vale o mesmo que empregá-las.

formas *Ganges* e *Hermus*, que, designando propriamente cursos de água, nem por isso deixam de fazer pensar nos territórios que eles percorrem. Se admitíssemos, porém, a pontuação

Sed neque Medorum siluae, ditissima terra,

este verso não abriria tão expressivamente uma enumeração de regiões, porque *Medorum siluae* seria, nessa hipótese, modo de dizer um tanto frouxo para só por si equivaler a *Media*. E não temos senão que louvar a arte de Virgílio por haver sabido, em assaz escasso número de versos, variar tanto e tão bem a referência a terras opulentas que o louvor da Itália lhe recordava :

- 1) desdobramento perifrástico : *Medorum-. .terra]*
- 2) sinédoque: *Ganges* (1), *Hermus*, *Bactra* (2);
- 3) metonímia: *Indi*;
- 4) emprego do próprio nome da região: *Panchaia*.

3.º argumento. Em versos anteriores a 11, 136, e como desenvolvimento do conceito expresso em 11, 109,

Nec uero terrae ferre omnes omnia possunt.,

(1) Mesmo nas *Geórgicas*, não escasseiam os empregos de um nome de rio por um nome de região ou até pelo do povo respectivo: u. g.: *Euphrates*, 1, 509; *Clanius* 225, 11 ; ; *Histro*, u, 457 ; *Nilum*, π1, 29; *Niphaten*, m, 30; *Hydaspes*, 1v, 211. Especialmente curioso o último exemplo, porque se enquadra num passo que, pela forma variada de referir regiões, lembra o verso de que me estou ocupando e os três seguintes:

*Praeterea regem non sic Aegyptus et ingens
Lydia nec populi Parthorum aut Medus Hydaspes
obseruant.*

(2) Também na *Eneida*, vin, 688, a cidade de Bactros toma o lugar da Bactriana, de que era a capital. De notar que *Bactriana* (scii, *regio*) não só não tinha estrutura adequada ao hexâmetro dactílico, como ate jamais se amoldou à linguagem poética.

com exclusão, segundo vemos, de qualquer das cesuras secundárias que por vezes a antecedem : triemímere, de troqueu 3.º (inexistente no verso), de troqueu 2.º (id.). Ora, posto que a cesura heftemímere é perfeitamente normal em Virgílio e a falta de cesura secundária não pode considerar-se anormalidade, não há dúvida de que a outra, a pentemímere, por si só e até porque permite ligeira pausa (marcada ou não por vírgula) depois do 5.º pé, torna aí o ritmo mais flexível, valorizando portanto o verso esteticamente, um verso, notemo-lo, já de si valorizado por tão perfeita fluidez que nem sequer apresenta uma única elisão (1). E, se a flexibilidade rítmica está longe de ser coisa somenos na arte poética do Mantuano, não será descabido que ela possa, neste verso, quando não dar prova directa da genuína leitura, pelo menos vir em reforço de outras provas.

Ainda a propósito, é conveniente lembrar que o elogio da Itália, a que o nosso verso pertence, figura entre os trechos virgilianos não só de mais bela e elegante estrutura rítmica, mas também de mais completa harmonia entre ritmo, expressão e pensamento. Tal como o início da *Eneida* ou o admirável final do canto v deste poema, ele está nas condições tão lucidamente definidas pelo sábio virgilianista Jackson Knight: «...exquisite units of thought and expression and rhythm, from perhaps four to thirty lines long, with a soft, blended, delicated-coloured perfectioni, reproducing a mood of acute and lovely consciousness.» (2) Se,

(1) Hexámetros de contextura igual e de fluidez semelhante é muito fácil encontrá-los em Virgílio; já, porém, não é tão fácil ver coincidir com essa fluidez a completa ausencia de elisões interiores, urna vez que estas representam, como é obvio, contingencias normais da composição poética. Sirva de exemplo a *Eneida*, vi, 854, hexámetro em paralelo rítmico perfeito com as *Geórgicas*, π, 136, mas, ainda assim, com uma elisão no tempo forte do 4.º pé:

Sic pater Anchises atque haec mirantibus addit...

L s j y j | ! _ | 1 | | _ ! _ j í υ ν J I γ .

(2) *Roman Vergil'*, Londres, Faber and Faber Ltd., 1944 (2.ª ed.), p. 277. Ainda na mesma ordem de ideias se exprime Jackson Knight em

portanto, num verso desse trecho — logo o primeiro — a cesura pentemímere em nada perturba a harmonia referida, antes a beneficia, visto favorecer o ritmo e corresponder ao mesmo tempo a uma expressão verbal mais própria e a um pensamento mais lógico, e se, pelo contrário, a cesura heftemímere a prejudica sensivelmente, por estar em condições opostas, deve parecer natural e justo preferir a primeira à segunda.

A margem dos argumentos apresentados, quero ainda dizer que não pode servir de objecção o emprego do gen. sing, *siluae*, em vez do gen. pi. *siluarum*. O adj. *diues*, todos o sabemos, é corrente com o genitivo na linguagem poética; mas este genitivo, assim como, obviamente, tanto pode ser do singular como do plural (1), assim também nada impede que seja do singular= plural. Quer isto dizer que a construção *siluae ditissima* por *siluarum ditissima* é perfeitamente regular. E tão-pouco lhe faltam similares em Virgílio, u. g., *ditissimus agri* por *ditissimus agrorum*, na *Eneida*, I, 343, e X, 563 (2), e *diues pictai uestis* por *diues pictarum uestium*, *ibid.*, IX, 26 (3).

Accentual Symmetry in Vergil, Oxónia, Basil Blackwell, 1950 (2.^a reimpr.), «Introduction», pp. 1-2. E permita-se-me dizer que este magnífico volume, qualquer que seja a aceitabilidade das ideias do Autor sobre «stress and quantity», «stress and ictus», «general texture», etc., veio inegavelmente abrir perspectivas novas ao estudo do ritmo virgiliano.

(1) Mesmo em Virgílio temos, p. ex.: *diues pecoris*, nas *Bucólicas*, II, 20; *diues opum*, nas *Geórgicas*, II, 468 (igualmente na *Eneida*, I, 14, e II, 22).

(2) Cf. a mesmíssima construção em Ovídio, *Metamorfoses*, V, 129, logo seguida de *diues agri* no verso imediato.

(3) Por sinal que podemos achar neste simples verso,

diues equom, diues pictai uestis et auri,

nada menos que os três genitivos referidos: gen. sing, *auri*, pl. *equom*, sing. = pl. *pictai uestis*.

Tudo me leva, por conseguinte, a admitir como única pontuação verdadeiramente correcta das *Geórgicas*, 11, 136, a que faz de *Medorum.. terra* um conjunto e a este prende *siluae ditissima* como regular expressão atributiva:

Sed neque Medorum, siluae ditissima, terra, &c.

Mafra, Julho de 1951.

REBELO GONÇALVES.